



# COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 168 - Fevereiro 2016

## EDITORIAL

*Quaresma, tempo de esperança e perdão!*

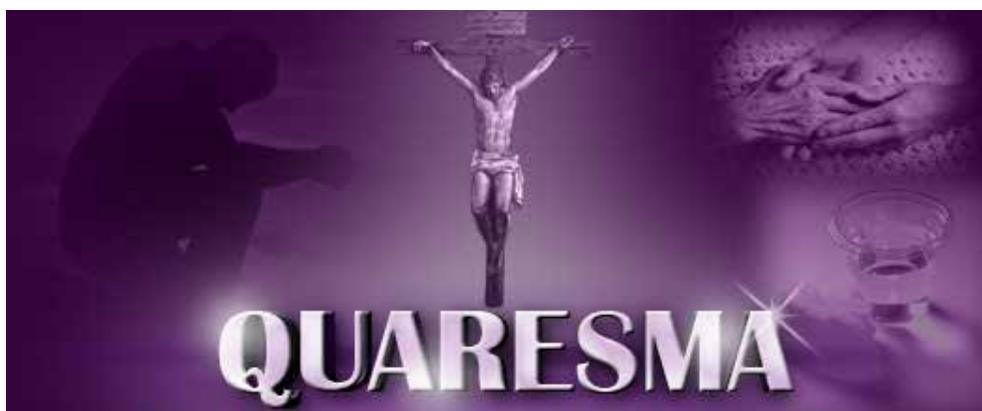
O tempo litúrgico da Quaresma que estamos a viver é um apelo a renovarmos o nosso compromisso de seguidores de Jesus Cristo neste tempo e neste espaço em que decorre a nossa peregrinação sobre a terra.

A conjuntura atual – em que o pessimismo, a discórdia e a divisão parecem reinar – é um apelo a darmos lugar à Esperança! A Quaresma é um tempo de renovar a Esperança que nasce do perdão e reconciliação.

Para que este mundo seja um mundo de Esperança, o cristão deve envolver-se em causas concretas com atitudes e gestos visíveis e vem perceptíveis. É a isso que nos convida o Papa Francisco no seu incomparável modo direto de evangelizar. E, é a isso que vos convidamos desafiando-vos à prática das obras de misericórdia “Visitar os presos” e “Corrigir os que erram”. Ambas subtendem o valor do perdão como mote para a reabilitação da pessoa! Jesus nunca condenou pessoas; condenou situações!

Aprendamos com Ele!

## VIVENDO A



O Papa Francisco indica-nos como viver a Quaresma. Propõe 15 simples atos de caridade que ele mencionou como manifestações concretas de amor:

1. Sorrir, um cristão é sempre alegre!
2. Agradecer (embora não “precise” fazê-lo).
3. Lembrar ao outro o quanto você o ama.
4. Cumprimentar com alegria as pessoas que você vê todos os dias.
5. Ouvir a história do outro, sem julgamento, com amor.
6. Parar para ajudar. Estar atento a quem precisa de você.
7. Animar a alguém.
8. Reconhecer os sucessos e qualidades do outro.
9. Separar o que você não usa e dar a quem precisa.
10. Ajudar a alguém para que ele possa descansar.
11. Corrigir com amor; não calar por medo.
12. Ter delicadezas com os que estão perto de você.
13. Limpar o que sujou, em casa.
14. Ajudar os outros a superar os obstáculos.
15. Telefonar para seus pais.

## O MELHOR JEJUM

- Jejum de palavras negativas e dizer palavras bondosas.
- Jejum de descontentamento e encher-se de gratidão.
- Jejum de raiva e encher-se com mansidão e paciência.
- Jejum de pessimismo e encher-se de esperança e otimismo.
- Jejum de preocupações e encher-se de confiança em Deus.
- Jejum de queixas e encher-se com as coisas simples da vida.
- Jejum de tensões e encher-se com orações.
- Jejum de amargura e tristeza e encher o coração de alegria.
- Jejum de egoísmo e encher-se com compaixão pelos outros.
- Jejum de falta de perdão e encher-se de reconciliação.
- Jejum de palavras e encher-se de silêncio para ouvir os outros.

# MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA DE 2016

«*Prefiro a misericórdia ao sacrifício*» (Mt 9, 13). As obras de misericórdia no caminho jubilar»

## 1. MARIA, ÍCONE DUMA IGREJA QUE EVANGELIZA PORQUE EVANGELIZADA

Na Bula de proclamação do Jubileu, fiz o convite para que «*a Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus*» (*Misericórdia Vultus*, 17). Com o apelo à escuta da Palavra de Deus e à iniciativa «24 horas para o Senhor», quis sublinhar a primazia da escuta orante da Palavra, especialmente a palavra profética. Com efeito, a misericórdia de Deus é um anúncio ao mundo; mas cada cristão é chamado a fazer pessoalmente experiência de tal anúncio. Por isso, no tempo da Quaresma, enviarei os Missionários da Misericórdia a fim de serem, para todos, um sinal concreto da proximidade e do perdão de Deus.

Maria, por ter acolhido a Boa Notícia que Lhe fora dada pelo arcanjo Gabriel, canta profeticamente, no *Magnificat*, a misericórdia com que Deus A destinou. Deste modo a Virgem de Nazaré, prometida esposa de José, torna-se o ícone perfeito da Igreja que evangeliza porque foi e continua a ser evangelizada por obra do Espírito Santo, que fecundou o seu ventre virginal. Com efeito, na tradição profética, a misericórdia aparece estreitamente ligada – mesmo etimologicamente – com as vísceras maternas (*rahamin*) e com uma bondade generosa, fiel e compassiva (*hesed*) que se vive no âmbito das relações conjugais e parentais.

## 2. A ALIANÇA DE DEUS COM OS HOMENS: UMA HISTÓRIA DE MISERICÓRDIA

O mistério da misericórdia divina desvenda-se no decurso da história da aliança entre Deus e o seu povo Israel. Na realidade, Deus mostra-Se sempre rico de misericórdia, pronto em qualquer circunstância a derramar sobre o seu povo uma ternura e uma compaixão viscerais, sobretudo nos momentos mais dramáticos quando a infidelidade quebra o vínculo do Pacto e se requer que a aliança seja ratificada de maneira mais estável na justiça e na verdade. Encontramo-nos aqui perante um verdadeiro e próprio drama de amor, no qual Deus desempenha o papel de pai e marido traído, enquanto Israel desempenha o de filho/filha e esposa infiéis. São precisamente as imagens familiares – como no caso de Oseias (cf. Os 1-2) – que melhor exprimem até que ponto Deus quer ligar-Se ao seu povo.

Este drama de amor alcança o seu ápice no Filho feito homem. N'Ele, Deus derrama a sua misericórdia sem limites até ao ponto de fazer d'Ele a Misericórdia encarnada (cf. *Misericórdia Vultus*, 8). Na realidade, Jesus de Nazaré enquanto homem é, para todos os efeitos, filho de Israel. E é-o ao ponto de encarnar aquela escuta perfeita de Deus que se exige a cada judeu pelo *Shemà* fulcro ainda hoje da aliança de Deus com

Israel: «Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 4-5). O Filho de Deus é o Esposo que tudo faz para ganhar o amor da sua Esposa, à qual O liga o seu amor incondicional que se torna visível nas núpcias eternas com ela.

Este é o coração pulsante do querigma apostólico, no qual ocupa um lugar central e fundamental a misericórdia divina. Nele sobressai «*a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*» (*Evangelii gaudium*, 36), aquele primeiro anúncio que «*sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, numa forma ou doutra, durante a catequese*» (*Ibid.*, 164). Então a Misericórdia «*exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar*» (*Misericórdia Vultus*, 21), restabelecendo precisamente assim a relação com Ele. E, em Jesus crucificado, Deus chega ao ponto de querer alcançar o pecador no seu afastamento mais extremo, precisamente lá onde ele se perdeu e afastou d'Ele. E faz isto na esperança de assim poder finalmente comover o coração endurecido da sua Esposa.

## 3. AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

A misericórdia de Deus transforma o coração do homem e faz-lhe experimentar um amor fiel, tornando-o assim, por sua vez, capaz de misericórdia. É um milagre sempre novo que a misericórdia divina possa irradiar-se na vida de cada um de nós, estimulando-nos ao amor do próximo e animando aquilo que a tradição da Igreja chama as obras de misericórdia corporal e espiritual. Estas recordam-nos que a nossa fé se traduz em atos concretos e quotidianos, destinados a ajudar o nosso próximo no corpo e no espírito e sobre os quais havemos de ser julgados: alimentá-lo, visitá-lo, confortá-lo, educá-lo. Por isso, expressei o desejo de que «*o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina*» (*Ibid.*, 15). Realmente, no pobre, a carne de Cristo «*torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós*» (*Ibid.*, 15). É o mistério inaudito e escandaloso do prolongamento na história do sofrimento

do Cordeiro Inocente, sarça ardente de amor gratuito na presença da qual podemos apenas, como Moisés, tirar as sandálias (cf. Ex 3, 5); e mais ainda, quando o pobre é o irmão ou a irmã em Cristo que sofre por causa da sua fé.

Diante deste amor forte como a morte (cf. Ct 8, 6), fica patente como o pobre mais miserável seja aquele que não aceita reconhecer-se como tal. Pensa que é rico, mas na realidade é o mais pobre dos pobres. E isto porque é escravo do pecado, que o leva a utilizar riqueza e poder, não para servir a Deus e aos outros, mas para sufocar em si mesmo a consciência profunda de ser, ele também, nada mais que um pobre mendigo. E quanto maior for o poder e a riqueza à sua disposição, tanto maior pode tornar-se esta cegueira mentirosa. Chega ao ponto de não querer ver sequer o pobre Lázaro que mendiga à porta da sua casa (cf. Lc 16, 20-21), sendo este figura de Cristo que, nos pobres, mendiga a nossa conversão. Lázaro é a possibilidade de conversão que Deus nos oferece e talvez não vejamos. E esta cegueira está acompanhada por um soberbo delírio de onipotência, no qual ressoa sinistramente aquele demoníaco «sereis como Deus» (Gn 3, 5) que é a raiz de qualquer pecado. Tal delírio pode assumir também formas sociais e políticas, como mostraram os totalitarismos do século XX e mostram hoje as ideologias do pensamento único e da tecnociência que pretendem tornar Deus irrelevante e reduzir o homem a massa possível de instrumentalizar. E podem atualmente mostrá-lo também as estruturas de pecado ligadas a um modelo de falso desenvolvimento fundado na idolatria do dinheiro, que torna indiferentes ao destino dos pobres as pessoas e as sociedades mais ricas, que lhes fecham as portas recusando-se até mesmo a vê-los.

Portanto a Quaresma deste Ano Jubilar é um tempo favorável para todos poderem, finalmente, sair da própria alienação existencial, graças à escuta da Palavra e às obras de misericórdia. Se, por meio das obras corporais, tocamos a carne de Cristo nos irmãos e irmãs necessitados de ser nutridos, vestidos, alojados, visitados, as obras espirituais tocam mais diretamente o nosso ser de pecadores: aconselhar, ensinar, perdoar, admoestar, rezar. Por isso, as obras corporais e as espirituais nunca devem ser separadas. Com efeito, é precisamente tocando, no miserável, a carne de Jesus crucificado que o pecador pode receber, em dom, a consciência de ser ele próprio um pobre mendigo. Por esta estrada, também os «soberbos», os «poderosos» e os «ricos», de que

fala o *Magnificat*, têm a possibilidade de aperceber-se que são, imerecidamente, amados pelo crucificado, morto e ressuscitado também por eles. Somente neste amor temos a resposta àquela sede de felicidade e amor infinitos que o homem se ilude de poder colmar mediante os ídolos do saber, do poder e do possuir. Mas permanece sempre o perigo de que os soberbos, os ricos e os poderosos – por causa de um fechamento cada vez mais hermético a Cristo, que, no pobre, continua a bater à porta do seu coração – acabem por se condenar precipitando-se eles mesmos naquele abismo eterno de solidão que é o inferno. Por isso, eis que ressoam de novo para eles, como para todos nós, as palavras veementes de Abraão: «*Têm Moisés e o Profetas; que os oiçam*» (Lc 16, 29). Esta escuta ativa preparar-nos-á da melhor maneira para festejar a vitória definitiva sobre o pecado e a morte conquistada pelo Esposo já ressuscitado, que deseja purificar a sua prometida Esposa, na expectativa da sua vinda.

Não percamos este tempo de Quaresma favorável à conversão! Pedimo-lo pela intercessão materna da Virgem Maria, a primeira que, diante da grandeza da misericórdia divina que Lhe foi concedida gratuitamente, reconheceu a sua pequenez (cf. Lc 1, 48), confessando-Se a humilde serva do Senhor (cf. Lc 1, 38).

Vaticano, 4 de Outubro de 2015  
Festa de S. Francisco de Assis

FRANCISCUS



# JUBILEU DA MISERICÓRDIA: CONHECIMENTO E PRÁTICA DAS OBRAS DE MISERICÓRDIA

## OBRAS DE MISERICÓRDIA PROPOSTAS PARA SE VIVEREM MAIS INTENSAMENTE NO MÊS DE MARÇO:

### VISITAR OS PRESOS

No contexto desta obra de misericórdia encontramos as expressões emblemáticas da Bíblia que anunciam aos presos a libertação, tais como «proclamar a libertação aos presos » (Lc 4,18), que evoca o «pôr em liberdade os prisioneiros» (Is 61,1), e também outras que convidam a zelar pelos presos como se fôssemos companheiros da sua prisão, tal como se recomenda em Hb 13,3: «Lembrai-vos dos presos como se estivésseis na prisão com eles»; tal como as referências fundamentais a partir das mesmas palavras de Jesus: «estive na prisão e fostes visitar-me» (Mt 25,36).

Não é estranho, pois, que no Novo Testamento assinala a relação particular entre os membros das comunidades cristãs e os irmãos encarcerados por motivos de fé, como lembra a palavra de Jesus: «Sereis presos e perseguidos; entregar-vos-ão às sinagogas e sereis metidos na prisão» (Lc 21,12).

Exemplos importantes são a proximidade da comunhão por meio da oração da intercessão por Pedro que estava encarcerado: «Pedro estava vigiado na prisão, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele» (Act 12,5).

«Obviamente, uma pastoral que preste atenção aos presos deverá orientar-se igualmente para os seus familiares, dando-lhes apoio para que possam assistir o melhor possível os presos [...]. As formas de presença cristã nos cárceres são múltiplas e criativas, no fundo, o “visitar” os presos, não se pode separar de um trabalho político e de uma reflexão que em nome da dignidade do homem e dos direitos humanos procure formas de pena que não privem a liberdade, mas que prevejam actos de reparação» (L. Manicardi).

### CORRIGIR O QUE ERRA

É uma obra de misericórdia inspirada num texto clássico do Evangelho de São Mateus quando trata dos conflitos no seio da comunidade, pelo que o acento se desloca do pensamento jurídico para uma perspectiva mais eclesiológica e pastoral, texto esse que diz o seguinte: «Se o teu irmão pecar, vai e mostra-lhe o seu erro, mas em particular,

só entre vós os dois. Se ele te der ouvidos, terás ganho o teu irmão. Se ele não te der ouvidos, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão seja decidida sob a palavra de duas ou três testemunhas. Caso ele não te dê ouvidos, comunica-o à Igreja» (Mt 18, 15-17).

A questão da correcção fraterna está relativamente presente no Novo Testamento e no seu uso percebe-se um notável realismo! Neste sentido, convém notar que a correcção fraterna deve realizar-se, não como um juízo, mas como um serviço de verdade e de amor ao irmão, já que se dirige ao pecador não como um inimigo, mas como um irmão (cf. 2Ts 3,15), e pode assim reconduzir à vida um irmão que se esteve a perder (cf. Tg 5,19ss).

Esta correcção fraterna deve ser exercida com firmeza (cf. Tt 1, 13), porém sem asperezas (Cf. Sl 6,2), sem exacerbar ou humilhar o que é admoestado (cf. Ef 6,4).

A correcção fraterna exige discernimento: escolher o momento oportuno; exercê-la de forma que cresça e não diminua a estima que o irmão tem de si mesmo; evitar que seja a única maneira com a qual se relacione com aquele irmão; exercê-la sobre coisas verdadeiramente essenciais; tender a libertar e não tanto a julgar e condenar; corrigir sabendo que se é também pecador e necessitado de correcção. Se tudo isto acontecer, a correcção fraterna que sugere a obra de misericórdia «corrigir os que erram» poderá dar fruto de paz e de bênção.

